

A IGREJA, FAMÍLIA DOS FILHOS DE DEUS COM IGUAL DIGNIDADE E MISSÃO

Pe. Fidelis Stockl, ORC²

RESUMO

Entre os membros da Igreja há uma verdadeira igualdade quanto à dignidade e à missão. Há uma verdadeira igualdade entre os homens na ordem natural: Criando o homem, Deus não quis colocar uns acima dos outros. Ele nos criou com dignidade igual. Esta nossa igual dignidade se fundamenta no fato de que Deus criou o homem segundo a sua imagem e semelhança. A dignidade da pessoa aparece em todo o seu fulgor quando se consideram a sua origem e o seu destino: criado por Deus à Sua imagem e semelhança e remido pelo Sangue preciosíssimo de Cristo, o homem é chamado a tornar-se filho no Filho e templo vivo do Espírito, e tem por destino a vida eterna da comunhão beatífica com Deus. E igualdade não significa uniformidade. De fato, há uma variedade e complementaridade na Igreja que se manifesta na diversidade dos estados, carismas, ministérios e tarefas. Na Igreja há uma verdadeira igualdade não somente no que diz respeito à dignidade (ao ser) mas também à atividade, ou seja, à missão.

Palavras-chave: Igualdade. Missão; dignidade; atividade; missão

INTRODUÇÃO

Segundo o princípio "*agere sequitur esse*" (o agir segue o ser), alguns teólogos afirmam que o sacerdote, por agir na pessoa de Cristo, teria por isso uma dignidade mais elevada do que o fiel comum. Por isso será necessário esclarecer se entre os membros da Igreja há uma verdadeira igualdade quanto à dignidade e à missão ou se alguns membros como o sacerdote e o bispo têm uma dignidade maior do que os demais.

Para responder a esta pergunta devemos primeiro procurar entender o que significa "dignidade" na Igreja. O conceito que temos da dignidade de uma pessoa está às vezes influenciado pela noção que o mundo tem da "dignidade", ou seja, do "valor" de uma pessoa.

Como é que o mundo mede a dignidade de uma pessoa?

Na sociedade a dignidade, ou seja, o valor da pessoa é medida

➤ seja pela função que ela desempenha

² Doutor em Teologia, especializado em Ecclesiolgia e Mariologia. Professor do Curso de Teologia da Faculdade Católica de Anápolis

➤ Seja pelo prestígio e pelos bens intelectuais, físicos e materiais que tem.

Assim, na sociedade humana, uma pessoa tem uma dignidade tanto maior quanto mais elevada for a sua posição ou seu prestígio na sociedade como, por exemplo, o Presidente da República ou o Prefeito, o dono de uma grande empresa, o futebolista, um famoso cantor, uma mulher de extraordinária beleza etc. E assim, se atribui uma dignidade, um valor maior às pessoas que sobressaem do que aos membros comuns da sociedade. Por isso, elas recebem um tratamento especial e honras particulares.

Uma das conseqüências disso é que alguns membros da sociedade colocam-se acima dos outros e, assim, se estabelecem relações de superioridade e inferioridade, que causam discriminação. Vejamos em que se baseia a nossa dignidade como pessoas humanas e filhos de Deus. Vamos considerar primeiro a igual dignidade do homem na ordem da natureza, e depois na ordem da graça.

A IGUAL DIGNIDADE DE TODOS OS MEMBROS DA IGREJA

A igual dignidade do homem na ordem da natureza

As discriminações, presentes na sociedade, não correspondem ao projeto original de Deus Criador. Segundo a vontade do Criador há uma verdadeira igualdade entre os homens na ordem natural: Criando o homem, Deus não quis colocar uns acima dos outros. Ele nos criou com dignidade igual.

Em que se baseia esta nossa igual dignidade? Ela se fundamenta no fato de que Deus criou o homem segundo a sua imagem e semelhança. Com efeito, o homem foi criado como pessoa, como sujeito consciente e livre e, precisamente por isso, ele é a imagem de Deus e transcende em valor todo o mundo material. A imagem de Deus está presente em cada homem: na criança ainda não nascida, no bebê, no adolescente, na pessoa idosa, na pessoa doente, mesmo na pessoa demente.

"O homem vale não por aquilo que tem mas por aquilo que é. Não são tanto os bens do mundo que contam, mas o bem da pessoa, o bem que é a própria pessoa."(CHRISTIFIDELES LAICI, 37).

Daí uma pessoa demente tem o mesmo valor que uma pessoa de qualidades intelectuais extraordinárias, uma criança no seio da mãe tem o mesmo valor que a própria mãe.

Todos os homens (e mulheres) têm essencialmente a mesma dignidade, ou seja, o mesmo valor, porque cada um é uma imagem irrepetível e única de Deus. Esta dignidade de pessoa, de imagem de Deus é o fundamento da igualdade de todos os homens entre si.

Portanto, não é a sociedade ou as qualidades que uma pessoa possui que estão na base do valor de uma pessoa, mas é unicamente em Deus em quem se baseia a nossa dignidade. Cada um de nós tem a mesma dignidade e o mesmo valor porque fomos igualmente criados por Deus, temos a mesma dignidade porque Ele nos quis e nos ama igualmente.

Se, de fato, toda a dignidade do homem se baseia em Deus, então o homem que não aceita Deus como seu Criador perde facilmente de vista a sua própria dignidade e a dignidade inalienável do outro como acontece com aqueles que admitem o aborto e a eutanásia. Com efeito, sem Deus a dignidade inalienável do homem como pessoa perde a sua base e, assim, desaparece.

A igual dignidade dos homens na ordem da graça

A igual dignidade dos homens no plano natural é ainda mais acentuada no plano sobrenatural. Diz o Papa João Paulo II: “A dignidade da pessoa aparece em todo o seu fulgor, quando se consideram a sua origem e o seu destino: criado por Deus à Sua imagem e semelhança e remido pelo Sangue preciosíssimo de Cristo, o homem é chamado a tornar-se filho no Filho e templo vivo do Espírito, e tem por destino a vida eterna da comunhão beatífica com Deus.” (CHRISTIFIDELES LAICI, 37)

No plano sobrenatural, o fundamento da nossa igual dignidade é o fato de que todos nós fomos chamados a sermos igualmente filhos e filhas de Deus, a pertencermos igualmente à família de Deus, à Igreja, como diz São Paulo: "Todos vós sois filhos de *DEUS*, mediante a fé em *CRISTO*; pois todos os que fostes batizados em *CRISTO*, vos revestistes de *CRISTO*. Não há judeu, nem grego; não há servo nem livre; não há homem nem mulher, pois todos vós sois um em *CRISTO*" (Gl 3, 26-28).

O Concílio diz: “É, portanto, uno o povo eleito de *DEUS*: “Um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4, 5).

➤ Comum a dignidade dos membros pela regeneração em Cristo

- Comum a graça de filhos
- Comum a vocação à perfeição (*LUMEN GENTIUM*, 32)

a) Comum a dignidade dos membros pela regeneração em Cristo: “Todos os que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo.” O sacramento do batismo é o fundamento sacramental da nossa igual dignidade. Todos os cristãos têm igual dignidade porque pelo batismo estão unidos a Cristo e se tornaram cristãos, isto é, um “outro Cristo”, como diz Sto. Agostinho.

b) Comum a graça de filhos: “Todos vós sois filhos de Deus:” Antes de qualquer distinção que há na família de Deus, há uma igualdade. Deus Pai ama todos os seus filhos e filhas igualmente. "No seu amor Deus Pai nos predestinou para sermos adotados como filhos seus por Jesus Cristo..." (cf. Ef 1, 5). Todos nós somos "filhos no Filho": "Deus Pai nos ama como ama a Cristo, vendo em nós a sua imagem. Ela é figurada, por assim dizer, em nós pelo Espírito Santo que, como "iconógrafo", a realiza no tempo." (JOÃO PAULO II, Audiência geral 13-X-1999).

c) Comum a vocação à perfeição: "Deus Pai nos escolheu (em Cristo) antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados, diante de seus olhos" (cf. Ef 1, 3-4). A igual dignidade de todos os fiéis se manifesta sobretudo no fato de que todos são chamados à santidade: "Todos os fiéis, de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade" (*LUMEN GENTIUM*, 43). Beata Madre Teresa diz que a santidade é uma obrigação para todos!

Considerando que todos têm a mesma dignidade na Igreja, não pode haver discriminações de raça ou nação, condição social ou sexo na família de Deus pois, de fato, não há nenhuma desigualdade entre os filhos de Deus.

Consequentemente, a Igreja deve dar a todos a mesma atenção, sobretudo aos mais fracos e necessitados porque Cristo está, de modo especial, presente neles. A este respeito, permanece significativa a exortação de São Tiago:

Meus irmãos, na vossa fé em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo, guardai-vos de toda a consideração de pessoas. Suponde que entre na vossa reunião um homem com anel de ouro e ricos trajes, e entre também um pobre com trajes gastos; se atenderdes ao que está magnificamente trajado, e lhe disserdes: "Senta-te aqui, neste lugar de honra", e disserdes ao pobre: "Senta-te aqui junto ao estrado dos meus pés", não é verdade que fazeis distinção entre

vós, e que sois juízes de pensamentos iníquos? Ouvi, meus caríssimos irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres deste mundo para que fossem ricos na fé e herdeiros do Reino prometido por Deus aos que O amam? (Tg 2, 1-5).

É, sobretudo, pela nossa participação na Eucaristia que a nossa igual dignidade é reforçada. De fato, pela Comunhão Eucarística nós nos tornamos "consangüíneos" com Cristo. O Servo de Deus, o Papa João Paulo II diz:

A Eucaristia demonstra qual o valor que têm aos olhos de Deus todos os homens, nossos irmãos e irmãs, uma vez que Cristo se oferece a si mesmo de igual modo a cada um deles, sob as Espécies do pão e do vinho. Se o nosso culto eucarístico for autêntico, deve fazer crescer em nós a conscientização da dignidade de todos e de cada um dos homens. A consciência dessa dignidade, depois, torna-se o motivo mais profundo da nossa relação com o próximo.

Aprendamos a descobrir com respeito a verdade sobre o homem interior porque é precisamente esse íntimo do homem que se torna morada de Deus presente na Eucaristia. Cristo vem aos corações e visita as consciências dos nossos irmãos e irmãs. Como se modifica a imagem de todos e de cada um dos homens, quando tomamos consciência desta realidade, quando a tornamos objeto das nossas reflexões! (*DOMINICAE CENAE*, 6)

Resumindo podemos dizer com o Catecismo da Igreja Católica: "Entre todos os fiéis de Cristo, por sua regeneração em Cristo, vigora, no que se refere à dignidade e à atividade, uma verdadeira igualdade, pela qual todos, segundo a condição e os múnus próprios de cada um, cooperam na construção do Corpo de Cristo."(cf. LG 32). (CIC n. 872).

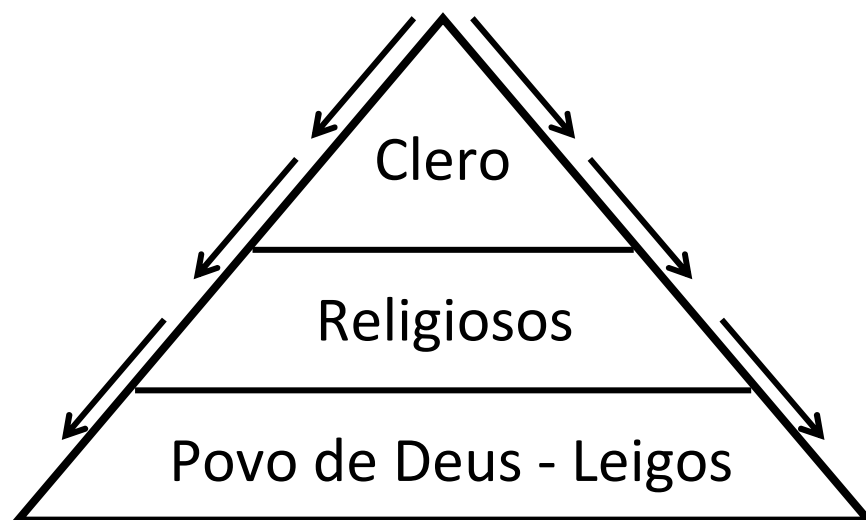
DIVERSIDADE E COMPLEMENTARIDADE NA IGREJA-COMUNHÃO

No trecho anterior falamos da igualdade dos membros da Igreja quanto à sua dignidade e à sua atividade. No entanto, esta igualdade não significa uniformidade. De fato, há uma variedade e complementaridade na Igreja que se manifesta na diversidade dos estados, carismas, ministérios e tarefas. Diz o Catecismo: "As próprias diferenças que o Senhor quis estabelecer entre os membros de seu Corpo servem à sua unidade e à sua missão. Pois, embora "exista na Igreja diversidade de serviços, há unidade de missão." (CIC n. 873)

Para entendermos a doutrina do Concílio Vaticano II a respeito da Igreja como mistério de comunhão convém apresentar dois modelos divergentes da constituição da Igreja, ou seja, o modelo hierárquico, que enfatiza a dimensão institucional e jurídica da Igreja, e o modelo Trinitário, que vê a Igreja como um mistério de comunhão.

O modelo hierárquico da Igreja

Visão hierárquica de Igreja



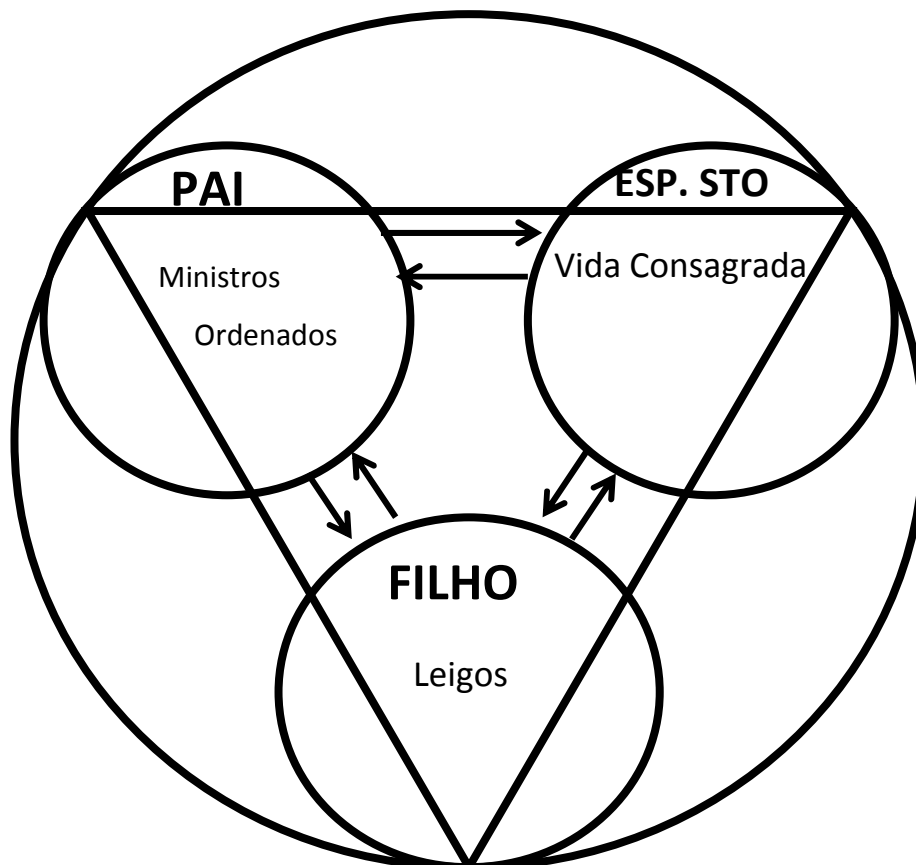
Neste **modelo tradicional** que dominou a ecclesiologia sobretudo a partir do tempo da Contra-reforma, não há um verdadeiro intercâmbio entre os três estados da Igreja: o clero, os religiosos e os leigos. Segundo esta visão, Deus daria todos os seus dons somente através da hierarquia da Igreja, a começar com o Papa, os bispos e os sacerdotes. Neste modelo os religiosos são considerados uma parte da hierarquia. Tanto os clérigos como os religiosos estão acima dos leigos. Portanto, não há uma verdadeira igualdade entre todos os membros da Igreja quanto à dignidade e à missão.

O modelo trinitário da Igreja

O Papa João Paulo II diz que a TRINDADE é “o modelo originário da família humana, constituída por um homem e uma mulher chamados a doar-se reciprocamente numa comunhão de amor aberta à vida. A TRINDADE é também modelo da família eclesial, na qual todos os cristãos são chamados a viver relações de real partilha e solidariedade” (ANGELUS, 13-VI-1998). De fato, a Igreja é “o povo

reunido na unidade do PAI e do FILHO e do ESPÍRITO SANTO” (LUMEN GENTIUM, 4). Vejamos então o diagrama do modelo trinitário da Igreja:

VISÃO TRINITÁRIA DA IGREJA



Como a TRINDADE é um só DEUS, mas Três Pessoas que vivem numa comunhão perfeita, assim o povo de Deus é um só, mas nele distinguem-se três estados, a saber, ministros ordenados (PAI), leigos (FILHO) e pessoas de vida consagrada (ESPÍRITO SANTO).

Como as Três Pessoas Divinas gozam de igual dignidade e de união perfeita, assim também há uma verdadeira igualdade entre os membros da Igreja no que se refere à dignidade e à atividade. No entanto, há também uma diversidade e complementariedade que está a serviço da unidade que reflete as distinções entre as Três Pessoas da Santíssima Trindade.

O Papa João Paulo II explica: "Na Igreja-Comunhão os estados de vida encontram-se de tal maneira interligados que são ordenados uns para os outros. Comum é, sem dúvida, o seu significado profundo: o de constituir a modalidade segundo a qual

se deve viver a igual dignidade cristã e a universal vocação à santidade na perfeição do amor”.

São modalidades, ao mesmo tempo, diferentes e complementares, de modo que cada uma delas tem uma sua fisionomia original e inconfundível e, simultaneamente, cada uma delas se relaciona com as outras e se põe ao seu serviço. Em seguida, João Paulo II fala da

Identidade específica dos três estados:

- O estado de vida laical tem na índole secular a sua especificidade e realiza um serviço eclesial ao testemunhar e ao lembrar, à sua maneira, aos sacerdotes, aos religiosos e às religiosas, o significado que as coisas terrenas e temporais têm no desígnio salvífico de Deus.
- O sacerdócio ministerial representa a garantia permanente da presença sacramental de Cristo Redentor nos diversos tempos e lugares.
- O estado religioso testemunha a índole escatológica da Igreja, isto é, a sua tensão para o Reino de Deus, que é prefigurado e, de certo modo, antecipado e pregustado nos votos de castidade, pobreza e obediência.

Todos os estados de vida, tanto no seu conjunto como cada um deles em relação com os outros, estão ao serviço do crescimento da Igreja, são modalidades diferentes que profundamente se unem no mistério de comunhão da Igreja e que dinamicamente se coordenam na sua única missão" (CHRISTIFIDELES LAICI, 55).

2.3. Carismas e ministérios

“Como bons dispensadores das graças de Deus, cada um de vós ponha à disposição dos outros o dom que recebeu” (1 Pd 4, 10).

A diversidade dos três estados na Igreja e, além disso, toda a diversidade de vocações e tarefas que existe entre os seus membros origina nos diversos dons (*charismas*) que o Espírito Santo concede à Igreja. Cada um dos fiéis recebe dons (*charismata*), isto é, graças especiais que o tornam apto e pronto para assumir qualquer tarefa e desenvolver qualquer atividade na Igreja. Todos os carismas são preciosos e “devem ser recebidos com ação de graças e consolação” (*LUMEN GENTIUM*, 17). Os carismas são inúmeros, alguns são ordinários e estáveis, como o matrimônio, o sacerdócio ministerial e a virgindade consagrada que constituem os três estados na Igreja; outros são extraordinários, como o dom da cura, da profecia etc.

À variedade dos dons corresponde uma variedade de serviços. Os serviços eclesiais estabelecidos e publicamente reconhecidos chamam-se ministérios:

Em primeiro lugar, há os ministérios ordenados do bispo, do sacerdote e do diácono. Depois, há os ministérios dos leigos, fundados no sacerdócio comum e que são conferidos do bispo ou do pároco ou da comunidade como, por exemplo, os seguintes ministérios: os catequistas, os ministros extraordinários da Eucaristia, os animadores de oração, do canto e da liturgia; os chefes de comunidade eclesiais e de grupos bíblicos; os encarregados das obras caritativas; os dirigentes das várias associações de apostolado e das vários pastorais etc.

Cada um recebeu um dom, não para ser ciosamente guardado por si mesmo, mas para ser utilizado para a edificação da Igreja. De fato, todos participam na missão evangelizadora da Igreja, mas de maneira diferente e sempre em comunhão com os outros membros da Igreja, sobretudo com aqueles a quem o Senhor confiou a tarefa de dirigir a Igreja: o bispo na sua diocese e o pároco na sua paróquia.

A comunhão eclesial é “uma comunhão ‘orgânica’, análoga à de um corpo vivo e operante: ela, de fato, caracteriza-se pela presença simultânea da diversidade e da complementariedade das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades. Graças a essa diversidade e complementariedade, cada membro encontra-se em relação com todo o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo.

O que distingue os diferentes membros "não é um suplemento de dignidade, mas uma especial e complementar habilitação para o serviço. Deste modo todos os carismas, os ministérios, as funções e os serviços existem na comunhão e para a comunhão. São riquezas complementares em favor de todos. (Cf. *CHRISTIFIDELES LAICI*, 20)

A Igreja, escola de comunhão

“Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos. É por isto que todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (*Jo* 13, 34-35).

Como vimos, há diversidade de carismas e ministérios, de funções e serviços em função da comunhão. De fato, a diversidade existe na comunhão e para a comunhão. Somos diferentes e temos recebido dons diferentes para enriquecer-nos mutuamente. Cada um alegra-se com a presença do outro e valoriza o contributo que o outro sabe e pode oferecer à comum edificação.

Infelizmente, às vezes esquecemos que a nossa vocação é de ser um dom e de fazer de nós um dom para os outros. Por isso, é preciso promover uma espiritualidade de comunhão que, segundo o Papa João Paulo II - deve ser um princípio educativo em todos os lugares onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades.

O que significa espiritualidade de comunhão?

Espiritualidade da comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor.

Espiritualidade da comunhão significa

➤ a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo místico, isto é, como um que faz parte de mim, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, para intuir os seus anseios e dar remédio às suas necessidades, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade.

➤ a capacidade de ver o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus: um dom para mim, como o é para o irmão que diretamente o recebeu.

➤ criar espaço para o irmão, levando os fardos uns dos outros (Gal 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes. (Cf. NOVO MILLENIO INEUNTE, 43)

A participação igual, mas complementar do homem e da mulher na missão da Igreja

Na Igreja há uma verdadeira igualdade não somente no que diz respeito à dignidade (ao ser) mas também à atividade, ou seja, à missão (ao agir). Mas como esta igualdade se mostra na missão específica do homem e da mulher na Igreja?

O homem a quem foi confiado o ministério ordenado parece ter um papel mais importante na Igreja do que a mulher que não foi chamada ao sacerdócio ministerial. Para entendermos bem a missão específica da mulher em relação ao homem na Igreja, precisamos olhar para Maria, presente na comunidade primitiva:

Voltaram eles então para Jerusalém do monte das Oliveiras, ... Tendo entrado no Cenáculo, subiram ao quarto de cima, onde costumavam permanecer. Eram eles: Pedro, e João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu,

Simão, o Zelador, e Judas, irmão de Tiago. Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, Mãe de Jesus, e os irmãos dele. (At 1, 12-14).

Dirigindo um olhar contemplativo à primeira comunidade cristã como descrita nos Atos dos Apóstolos, percebemos que Lucas, após ter registrado, um por um, os nomes dos Apóstolos (At 1,13) afirma: "Todos unidos pelo mesmo sentimento, entregavam-se assiduamente à oração em companhia de algumas mulheres, entre as quais Maria, a Mãe de Jesus, e de seus irmãos" (At 1,14). Neste quadro sobressai a figura de Maria, a única que é recordada com o próprio nome, além dos Apóstolos: Ela representa um rosto da Igreja, diverso e complementar em relação ao rosto ministerial ou hierárquico" (Cf. JOÃO PAULO II, Audiência Geral 6-IX-1995).

Partindo da composição da primeira comunidade cristã, é evidente que a vida da Igreja desenvolve-se ao redor de duas dimensões distintas, mas complementares: a dimensão apostólico-Petrina (hierárquico-institucional) e a dimensão Mariana (carismático-profética). Na Igreja todas as coisas estão dinamicamente articuladas em torno de Pedro e Maria. Pedro expressa o lado hierárquico, institucional e sacramental da Igreja, enquanto Maria está intimamente ligada à dimensão profética e carismática da Igreja.

Num discurso aos bispos, o Papa João Paulo II explicou a relação entre a missão de Maria e a missão dos Apóstolos na vida da Igreja:

Como bem ressalta o ícone de Maria no cenáculo com Pedro e os outros Apóstolos, reunidos à espera do Espírito Santo (cf. At. 1,12), a tarefa apostólica e a missão da Mãe de Deus estão intimamente unidas e são complementares. O ideal de santidade, para o qual tende a inteira missão da Igreja, de fato já está pré-formado e pré-figurado em Maria. A Igreja possui então, ao lado do aspecto petrino, um insubstituível aspecto mariano: o primeiro manifesta a missão apostólica e pastoral que lhe foi confiado por Cristo; o segundo exprime a sua santidade e sua total adesão ao plano divino da salvação (Mensagem do Papa aos participantes no XXI encontro de espiritualidade para Bispos, amigos do movimento dos Focolarinos, 28-II-1998).

A Igreja vive nestas duas dimensões fundamentais que se complementam e participam igualmente de seu crescimento em direção à plenitude de Cristo, no seu Corpo. As dimensões Mariana e Petrina contribuem mutuamente ao crescimento da Igreja na tríplice missão de santificar (sacerdote), de ensinar (profeta) e de governar (rei, ou seja, pastor).

Diz o Papa João Paulo II: "A Igreja manifesta plenamente a sua maternidade, quer mediante a comunicação da ação divina confiada a Pedro, quer através do acolhimento responsável do dom divino, típico de Maria" (VITA CONSACRATA, 34).

A Igreja manifesta plenamente a sua maternidade espiritual	Quer mediante a comunicação da ação Divina (hierarquia - Pedro)	Quer através do acolhimento responsável do dom divino (o ministério mariano – Maria)
No seu múnus de santificar	Pela celebração dos Sacramentos (Sacerdote)	Pela oração (intercessão) e sacrifícios espirituais (Virgem)
No seu múnus de ensinar	Pela proclamação da Palavra (Profeta)	Pelo testemunho de uma vida evangélica (Esposa)
No seu múnus de dirigir	Pela solicitude pastoral (autoridade de Pai-Pastor, Cabeça)	Pelo amor misericordioso e humilde (autoridade de Mãe, Coração)

Esta correspondência entre o ministério apostólico e o ministério "Mariano" foi mostrada claramente por Lucas quando descreve a primeira comunidade cristã reunida no cenáculo. Ele menciona a presença de Maria, a Mãe de Jesus e algumas mulheres, destacando a importância da contribuição Mariana-Feminina à vida da Igreja, desde os primórdios. João Paulo II chama a atenção para o fato de que a presença de Maria e das outras mulheres ajuda a comunidade primitiva a perseverar em oração e concórdia:

Estes traços exprimem perfeitamente dois aspectos fundamentais da contribuição específica das mulheres para a vida eclesial. Mais propensos à atividade externa, os homens têm necessidade da ajuda das mulheres para serem levados às relações pessoais e para progredirem rumo à união dos corações. "Bendita és tu entre as mulheres" (Lc 1, 42), Maria exerce de modo eminente esta missão feminina. Quem melhor que Maria favorece, em todos os crentes, a perseverança na oração? Quem promove melhor do que Ela, a concórdia e o amor?

Reconhecendo a missão pastoral confiada por Jesus aos Onze, as mulheres do cenáculo com Maria no meio delas, unem-se à oração deles e testemunham, ao mesmo tempo, a presença na Igreja de pessoas que, embora não tenham recebido essa missão, são igualmente membros, a pleno título, da comunidade reunida na fé em Cristo. (AUDIÊNCIA GERAL, 6-IX-1995)

Por isso, João Paulo II afirma: “Se é verdade que, no sentido hierárquico, a Igreja é dirigida pelos sucessores dos Apóstolos e, por conseguinte, por homens, é igualmente verdade que, no sentido carismático, as mulheres “guiem” a Igreja. Eu vos convido de pensar muitas vezes em Maria, a Mãe de Cristo” (Discurso aos jovens em Paris, 1-VI-1980)

Concluindo podemos afirmar - com o Papa João Paulo II - "que Jesus, não atribuindo o sacerdócio ministerial à mulher, não a pôs numa condição de inferioridade, nem infringiu a igualdade da mulher com o homem, mas antes reconheceu e respeitou a sua dignidade.

Instituindo o ministério sacerdotal para os homens, não entendeu conferir-lhes uma superioridade, mas chamá-los à humilde *service*, conforme o serviço do qual o Filho do homem foi modelo (cf. Mt 10, 45; Mt 20, 28). Destinando a mulher a uma missão correspondente à sua personalidade, elevou-lhe a dignidade e reafirmou o direito dela a uma própria originalidade na Igreja.

O exemplo de Maria, mãe de Jesus, completa a demonstração do respeito da dignidade da mulher, na missão que lhe foi confiada na Igreja. Maria não foi chamada ao sacerdócio ministerial: no entanto, a missão por ela recebida não tinha menos valor do que um ministério pastoral, antes, era-lhe muito superior. Ela recebeu uma missão a nível excelso; ser Mãe de Jesus Cristo e, portanto, Theotókos, Mãe de DEUS. Missão que se dilatará em maternidade em relação a todos os homens na ordem da graça. O mesmo se pode dizer da missão de maternidade, que muitas mulheres assumem na Igreja (cf. *Mulieres dignitatem*, 47). Elas são colocadas por Cristo na luz admirável de Maria, que brilha no vértice da Igreja e de toda a criação" (Audiência geral, 27-VI-1994).

CONCLUSÃO

A Igreja é a família de Deus onde cada um tem sua função; as tarefas são distintas e não deverão confundir-se. Não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros; não são pretextos para invejas. O único charisma superior, que pode ser desejado é o da caridade (cf. 1 Cor 12-13). Os maiores no Reino dos Céus não são os ministros mas os Santos” (Cf. Congregação da doutrina da fé, declaração *Inter insigniores*, 115)

De fato, não foi Pedro, o primeiro Papa, mas uma mulher, Maria, que precedeu todos no caminho da santidade. Mesmo que a Igreja possua uma estrutura hierárquica aqui na terra esta, todavia, se ordena integralmente à santidade dos membros da Igreja. A santidade, por sua vez, é medida pela entrega amorosa de si mesmo pela qual cada um corresponde ao amor de Deus. Portanto, o que conta na vida da Igreja não é, no fim de contas, a hierarquia dos ministérios, a esfera da função, mas a hierarquia da santidade, a esfera da dignidade dos filhos de Deus na qual Maria é a primeira e muitas mulheres precedem os homens. As pessoas que têm o papel mais importante na Igreja não são os ministros, mas os santos. Os Santos sempre foram a fonte e origem de renovação na Igreja e as testemunhas da sua maturidade. Ou, como diz, João Paulo II: "O Santo é o testemunho mais esplêndido da dignidade conferida ao discípulo" (*CHRISTIFIDELES LAICI*, 16). É verdade que a Igreja tem muita necessidade de sacerdotes, mas é igualmente verdade que ela tem ainda mais necessidade de Santos e Santas. Oxalá cada um de nós aspire à santidade e se torne um Santo.

ABSTRACT

Among the members of the church there is a true equality with regard to the dignity and to the mission. There is a true equality among men in the natural order: Creating man, God did not put one above the other. He created us with equal dignity. This our equal dignity is based on the fact that God created man in his image and likeness. The dignity of A person appears in all its glow when considering their origin and their destination: created by God in his image and likeness, and redeemed by the precious Blood of Christ, man is called to become the son in the son and living temple of the spirit, and is bound for eternal life of communion with God and beatific equality does not mean uniformity. In fact, there are a variety and complementarity in the Church that is manifested in the diversity of States, charisms, ministries and tasks. In the church there is a true equality not only as regards dignity (to be) but also to the activity, i. e. , to the mission.

Keywords for this page: equality. Mission; dignity; activity; Mission.